



Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - CCBS

Departamento de Educação Física - DEF

Licenciatura Plena em Educação Física

EDSON MARQUES FERREIRA DE LIMA

ESTRUTURA DAS ESCOLINHAS DE FUTSAL DE CAMPINA GRANDE

Campina Grande – PB

2010

EDSON MARQUES FERREIRA DE LIMA

ESTRUTURA DAS ESCOLINHAS DE FUTSAL DE CAMPINA GRANDE

Monografia apresentada como requisito a obtenção de grau de Licenciatura de Educação Física, no Curso de Graduação em Licenciatura Plena em educação Física da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Professor Ms. Divanalmi Ferreira Maia.

Campina Grande – PB

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L732e

Lima, Edson Marques Ferreira de.

Estrutura das escolinhas de futsal de Campina Grande
[manuscrito]/ Edson Marques Ferreira de Lima. – 2010.

47 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2010.

“Orientação: Professor Ms. Divanalmi Ferreira Maia,
Departamento de Educação Física”.

1. Futsal. 2. Futebol de Salão. 3. Esporte. I. Título.

21. ed. CDD 796.33



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DO CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. AOS

17 DIAS DO MÊS DE DEZEMBRO DO ANO 2010 ÀS 08 : 00 HORAS, NA SALA 03, COM A PRESENÇA DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA BANCA EXAMINADORA ABAIXO DISCRIMINADA, REALIZOU-SE A DEFESA DO TRABALHO CONCLUSÃO DE CURSO DESENVOLVIDO PELO ALUNO(A)

EDSON MARQUES FERREIRA DE LIMA.

ORIENTADO(A) _____ PELO(A)

PROFESSOR(A) DIVANALMI FERREIRA MAIA O

PERÍODO DA DEFESA TRANSCORREU COM CONFORMIDADE COM AS NORMAS ESTABELECIDAS PELA RESOLUÇÃO CONSEPE/032/2009. O (A) ALUNO(A) UTILIZOU

20 MINUTOS PARA A APRESENTAÇÃO DO SEU TCC. AO TÉRMINO DA DEFESA O

(A) ALUNO (A) JUNTAMENTE COM O PÚBLICO RETIROU-SE DA SALA E A BANCA A PORTAS FECHADAS EMITIU O PARECER, ATRIBUINDO A NOTA AO(À) ALUNO(A). EM

SEGUIDA O(A) ALUNO (A) FOI RECONDUZIDO À SALA E A SUA NOTA FOI DIVULGADA.

OBTENDO: 9,2 (NOVE, DOIS) PELOS EXAMINADORES. A(O)

) ORIENTADOR(A) AGRADECEU A PRESENÇA DE TODOS.


BANCA EXAMINADORA : (Orientador) Divanalmi Ferreira Maia.

X Sérgio Wendel Martins Melo

ÁLUARO LUIS PESSOA DE FARIAS

Campina Grande, 17 de dezembro de 2010.

Versão Final DIGITAL entregue em: 18, 01, 2011


/ Coordenação do TCC

“Assim como a superfície polida de um espelho reflete tudo que se passa Dante dele e num vale tranqüilo se possa ouvir o escuso som dos animais, homem deve manter a mente distante do egoísmo e da maldade.”

Ginshin Funakoshi

AGRADECIMENTOS

Eu, Edson Marques Ferreira de Lima, quero agradecer especialmente a Deus, criador de todas as coisas, que ao criá-las, viu Deus que era muito bom, e que tem iluminado os meus passos até aqui, O Senhor que tem sido a minha alegria, fonte inesgotável de amor e sabedoria.

A meus queridos Pais Ernani Ferreira de Lima (em memória), que foi digno e perseverante na vida, nos deixando muitas lições e Zuleide da Costa Marques, minha mãe querida, que não mediram esforços para que eu pudesse chegar aos meus objetivos, alcançado-os com toda a perseverança. A cada um dos meus irmãos que me ajudaram a enfrentar todas as dificuldades, que sempre me incentivaram, sempre estiveram ao meu lado e comigo compartilharam de todos os momentos, quer fáceis quer difíceis.

As minhas filhas amadas Tainá e Taynara, que me foram inspiração para acreditar, crescer, seguir adiante e vencer essa jornada que não se encerra aqui, mas que dará ainda muitos frutos e que eu possa retribuí-lhes todo amor, sendo um amigo e um colaborador no seu crescimento e na sua formação possa ser exemplo para as suas vidas.

Aos professores e amigos de curso que estiveram comigo durante todo o curso, buscando o aperfeiçoamento, o conhecimento como colaboradores uns dos outros, deixo aqui a minha alegria em poder tê-los ao meu lado. Pois o tempo que passamos juntos nos ensinaram mais que qualquer outro curso e nos fizeram pessoas melhores.

Meu muito obrigado a cada de um de vocês meu Deus, a quem sirvo com alegria, meus pais, meus irmãos, minhas filhas, meus professores e meus amigos que acreditaram no nosso futuro, que nos deram a sua experiência para que com paciência pudéssemos enfrentar cada situação, cada dificuldade e sobre tudo superá-las.

RESUMO

O Objetivo deste trabalho foi identificar a realidade das escolhinhas de futsal na cidade de Campina Grande, quanto a sua estrutura funcional. Detalhamo-nos no objetivo principal que foi verificar como vem sendo realizado o trabalho de iniciação esportiva do futsal, a atuação e qualificação dos profissionais e leigos, e em especial a estrutura física e material das escolhinhas. Usamos no processo de seleção de amostras do tipo probabilista intencional, constituídos por professores, leigos e técnicos que trabalham com crianças e adolescentes entre 07 e 16 anos. Abordamos sobre o histórico do futsal no Brasil e no mundo, a sua evolução e desenvolvimento, as técnicas e fundamentos aplicados no esporte. Utilizamos uma entrevista, como instrumento de medida e através de análise, identificando os níveis de formação, o tempo de atuação desses profissionais e leigos, a importância que este tipo de trabalho tem na visão de crianças e jovens praticantes, bem como na visão dos pais. Ressaltamos a importância da realização dos trabalhos desenvolvidos nas escolhinhas, identificando as vantagens e desvantagens que são vistas com a possibilidade de formação global da criança e ainda as questões relacionadas às condições físicas e matérias das escolhinhas para a realização deste tipo de trabalho.

Palavras Chave: Futsal, escolhinhas, professores

LISTA DE GRAFICOS

Grafico 1	Analise percentual dos resultados obtidos com relação à formação profissional dos sujeitos da amostra.....	32
Grafico 2	Analise percentual do tempo de atuação dos sujeitos da amostra, com relação a iniciação esportiva nas escolinhas de futsal.....	33
Grafico 3	Analise percentual dos resultados obtidos com relação a importância ao trabalho de iniciação esportiva nas escolinhas de futsal.....	34
Grafico 4	Analise percentual das vantagens na aplicação de um trabalho de iniciação esportiva no futsal.....	35
Grafico 5	Analise percentual das desvantagens na aplicação de um trabalho de iniciação esportiva no futsal.....	36
Grafico 6	Analise percentual material das escolinhas de futsal.....	37
Grafico 7	Analise percentual da estrutura física das escolinhas de futsal....	38

SÚMARIO

1.0 INTRODUÇÃO.....	09
2.0 HISTÓRICO.....	10
2.1 Futsal no Mundo.....	10
2.2 Futsal no Brasil.....	13
2.3 Cronologia do Futsal.....	14
2.4 Fundamentos básicos do Futsal.....	16
2.4.1 O Passe.....	16
2.4.2 O Drible.....	17
2.4.3 O Chute.....	18
2.4.4 A Recepção.....	19
2.4.5 A Condução.....	19
3.0 MÉTODO DE ENSINO.....	20
3.1 A especialização motora.....	20
3.2 Especialização precoce: Os danos causados a criança.....	22
4.0 METODOLOGIA.....	32
4.1 Características da pesquisa.....	32
4.2 População e amostra.....	32
4.3 Procedimentos e coleta de dados.....	32
5.0 RESULTADOS.....	33
5.1 Com relação à formação profissional.....	33
5.2 Com relação ao tempo de atuação nas escolinhas de futsal.....	34
5.3 Com relação à importância atribuída ao trabalho nas escolinhas.....	35
5.4 Com relação às vantagens do trabalho nas escolinhas de futsal.....	36
5.5 Com relação às desvantagens do trabalho nas escolinhas de futsal.....	37
5.6 Com relação à estrutura material das escolinhas de futsal.....	38
5.7 Com relação à estrutura física das escolinhas de futsal.....	39
6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
7.0 BIBLIOGRAFIA.....	41
8.0 APÊNDICE.....	43
8.1 Apêndice A – Termo de Compromisso do(s) pesquisador(es).....	44
8.2 Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	45
9.0 ANEXOS.....	46
9.1 Questionário de Coleta de Dados.....	47

1. INTRODUÇÃO

O Futsal é um desporto dos mais praticados pelas crianças que pretendem iniciar-se na prática de atividades desportivas, no entanto, sabemos que as várias escolinhas que se apresentam para realizar esse tipo de atividade demonstram inúmeras dificuldades com relação a sua estrutura.

Compreender essas dificuldades, aliando-as aos anseios das crianças interessadas e aos métodos aplicados, a forma e a dinâmica empregada pelos professores, é aqui o nosso principal objetivo. Na realidade nós esperamos que as técnicas, fundamentos e especificações do futsal sejam conciliados com o desenvolvimento psicomotor em todos os níveis de aprendizagem.

Esse estudo possibilitará a utilização de metodologias e técnicas de transmissão de conhecimento pelos professores, além de compreensão de desenvolvimento das habilidades do praticante, atuando com objetivos claros para atender as necessidades dos alunos. Desta forma contribuirá de forma significativa para os professores na progressão, mais rápida e eficiente da aprendizagem, visto que foram focalizados os principais aspectos trabalhados nas aulas possibilitando o desenvolvimento do esporte de forma mais abrangente.

O futsal é um esporte que passa por dificuldades em decorrência do desinteresse das autoridades com relação ao incentivo, apesar do destaque que o esse esporte tem alcançado internacionalmente e as recentes conquistas da seleção Brasileira e a hegemonia do futsal na América do Sul e porque não dizer no mundo, por esse motivo o futsal tem crescido a cada dia em relação ao número de praticantes.

O futebol de salão é um esporte com características próprias, muito embora, na sua origem, tenha buscado inspiração em outras modalidades e delas trazido para si alguns fundamentos requerendo do seu praticante um perfeito equilíbrio entre a precisão e a velocidade objetivando marcar gols.

2. HISTÓRICO

2.1. História do Futsal no Mundo

A origem do futebol de salão remete ao Uruguai de 1930. Juan Carlos Ceriani, um professor de educação física, argentino, que morava na cidade, notou que, por causa da falta de campos de futebol, as crianças praticavam o esporte em quadras de basquete. O conceito da nova modalidade estava diante de seus olhos.

Em 1965, a Confederação Sulamericana de Futebol de Salão foi fundada. Seus membros eram Uruguai, Paraguai, Peru, Argentina e Brasil, país onde o esporte era uma paixão. O futebol de salão chegou à Europa graças aos numerosos imigrantes espanhóis e portugueses que habitavam a região. Em 1971 é fundada em São Paulo, Brasil, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), composta por Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai, Peru, Portugal e Uruguai.

No fim de 1985, e diante do crescimento exponencial do esporte, Joseph S. Blatter, na época Secretário Geral da FIFA, tomou a decisão, junto ao então Presidente da FIFA João Havelange, de incorporar o futebol de salão à grande família do futebol mundial. Para isso, Blatter encarregou seu assistente, o chileno-espanhol Miguel Galán Torres, e o conselheiro de Havelange, o brasileiro José Bonetti, de dar andamento ao projeto. Na primeira reunião, ambos constataram que não existiam regras precisas para a modalidade, nem um campo de jogo ou bolas específicos.

Em janeiro de 1986, Galán Torres e Bonetti colocaram mãos à obra. Tomando como base as Regras do Jogo de Futebol, eles fizeram as modificações necessárias devido às particularidades da modalidade. Mas, para saber se elas serviriam, era necessário testá-las. Aqui entrou em ação a figura de Pablo Porta Bussons, naquela época Presidente da Real Federação Espanhola de Futebol e membro do Comitê Executivo da FIFA. Foi Porta Bussons quem expôs e defendeu a necessidade de prová-las em campeonatos.

Dado o primeiro passo, em uma reunião na antiga sede da Real Federação Espanhola de Futebol em Madri que contou com a presença de representantes de diversos países, as Regras foram revisadas levando em consideração o que foi visto na Hungria. Nessa ocasião, a RFEF se candidatou para sediar o segundo teste. Aprovada a iniciativa, o certame foi disputado em La Coruña, El Ferrol e Santiago de Compostela, em fevereiro de 1987. A Espanha derrotou a Bélgica na final. Também competiram Brasil, Holanda, Estados Unidos, Portugal, Hungria e Itália.

Em setembro de 1987, Galán e Bonetti se propuseram a fazer uma terceira experiência na América do Sul, berço do futsal. O Brasil foi a sede, convidando as seleções de Chile, Peru, Argentina, Bélgica, Holanda, Portugal, Espanha, Estados Unidos e Paraguai. O campeonato aconteceu em Brasília e o Paraguai sagrou-se campeão. As regras haviam ultrapassado as expectativas e faltava somente a aprovação do Comitê Executivo.

Terminado o Brasil 1987, Galán se encontrou com Blatter e comunicou que sua tarefa estava concluída. Disse também que a única coisa que faltava era organizar um Campeonato Mundial para consolidar de fato essa modalidade de futebol. Com este objetivo em mente, Blatter apoiou a organização da primeira Copa do Mundo de Futsal da FIFA.

Galán deu início à busca pelo país anfitrião. O encarregado do futsal na Holanda, Tom Van der Hulst, garantiu que sua associação poderia organizar o evento. A Federação Holandesa apresentou sua candidatura e recebeu a aprovação do Comitê Executivo. O torneio aconteceu em janeiro de 1989, e as partidas foram jogadas em Amsterdã, s'Hertogenbosch, Arnhem, Leeuwarden, Utrecht e Roterdã, sede da final. O Brasil derrotou a Holanda por 2-1, consagrando-se como o primeiro campeão mundial de futsal.

O Brasil também ganhou as duas edições seguintes, Hong Kong 1992 e Espanha 1996. Entretanto, foram os espanhóis que destronaram os brasileiros na Guatemala 2000 e defenderam com sucesso a coroa quatro anos depois na China Taipei em 2004. A Copa do Mundo de Futsal é hoje o quarto torneio mais antigo da FIFA.

E o resto é história. O futsal é hoje uma bela realidade, sendo uma das disciplinas esportivas que mais cresceu nos últimos anos, com mais de dois milhões de jogadores federados (homens e mulheres) em todo o mundo. Seu crescimento é ilimitado e permite que o futebol cumpra sua missão social em todos os cantos do planeta.

2.2. História do Futsal no Brasil

O Futebol de Salão tem duas versões sobre o seu surgimento, como em outros esportes, há divergências quanto a sua invenção. Há uma versão que diz que o Futebol de Salão começou a ser jogado no Brasil por volta de 1940 por freqüentadores da Associação Cristã de Moços, em São Paulo, pois havia uma grande dificuldade em encontrar campos de futebol livres para poderem jogar e então começaram a jogar suas "peladas" nas quadras de basquete e hóquei. No início jogavam-se com cinco, seis ou sete jogadores em cada equipe, mas logo definiram o número de cinco jogadores para cada equipe.

As bolas usadas eram de serragem, crina vegetal ou de cortiça granulada, mas apresentavam o problema de saltarem muito e freqüentemente saíam da quadra de jogo. Então tiveram seu tamanho diminuído e seu peso aumentado. Por este fato o Futebol de Salão passou a ser chamado de "O Esporte da Bola Pesada". Temos também a versão que nós, gaúchos, amantes deste esporte damos como a mais provável, o Futebol de Salão foi inventado em 1931 na Associação Cristã de Moços de Montevideú/Uruguai, pelo professor Juan Carlos Ceriani, que chamou este novo esporte de "Indoor-Foot-Ball".

Destaca-se em São Paulo o nome de Habib Maphuz, que muito trabalhou nos primórdios do Futebol de Salão no Brasil. O professor da ACM de São Paulo, Habib Maphuz no início dos anos cinqüenta participou da elaboração das normas para a prática de várias modalidades esportivas, sendo uma delas o futebol jogado em quadras, tudo isto no âmbito interno da ACM Paulista.

Este mesmo salonista fundou a 1ª Liga de Futebol de Salão, a Liga de Futebol de Salão da Associação Cristã de Moços e após foi o 1º presidente da Federação Paulista de Futebol de Salão. Foi colaborador de Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes para a elaboração do 1º Livro de Regras de Futebol de Salão editada no mundo, em 1956. Apesar das divergências, o que se conclui é que o Futebol de Salão nasceu na Associação Cristã de Moços, na década de 30 em Montevideú ou na década de 40 em São Paulo.

2.3 Cronologia do Futsal

História do Futsal em 1949 - A ACM do Rio de Janeiro organiza o primeiro torneio aberto de futebol de salão para meninos entre dez e quinze anos.

História do Futsal em 1954 - Em 28 de julho é fundada, no Rio de Janeiro, a primeira entidade oficial, a Federação Metropolitana de Futebol de Salão, na sede do América Futebol Clube.

História do Futsal em 1955 - Em 14 de junho é fundada a Federação Paulista de Futebol de Salão.

História do Futsal em 1956 - É realizado o primeiro campeonato da cidade do Rio de Janeiro, com 42 disputantes, cabendo ao time carioca "Imperial" o título de primeiro campeão.

História do Futsal em 1958 - A Confederação Brasileira de Desportos resolve oficializar a prática de futebol de salão, uniformiza suas regras e funda o Conselho Técnico de Futebol de salão tendo as Federações Estaduais como filiações.

História do Futsal em 1959 - Primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções. A seleção do Rio de Janeiro fica com o título, Seleção Paulista fica com o vice-campeonato.

História do Futsal em 1971 - É fundada no Rio de Janeiro, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), contando com a filiação de 32 países que praticavam o futebol de salão nos moldes brasileiros. O primeiro presidente da é João Havellange.

História do Futsal em 1981 - A CBFS consegue sua sede própria.

História do Futsal em 1982 - É realizado o primeiro campeonato Mundial de Seleções de Futsal, com o ginásio do Ibirapuera o Brasil torna-se o primeiro campeão vencendo o Paraguai.

História do Futsal em 1985 - O segundo Campeonato Mundial de Futsal é realizado na Espanha e o Brasil torna-se bi vencendo a própria Espanha.

História do Futsal em 1989 - A Holanda é sede do quarto Mundial de Seleções, mais uma vez o Brasil conquista o título diante dos donos da casa.

História do Futsal em 1990 - A FIFA homologa a supervisão do futsal mediante extinção da Fifusa e cria sua comissão de futsal. Posteriormente, algumas Federações desistem de acabar com a Fifusa e elegem o Sr. Antonio Alberca presidente. Surge o termo Futsal.

História do Futsal em 1992 - Na quinta edição do Mundial de Seleções, o Brasil conquista seu quarto título diante dos Estados Unidos em Hong Kong. A organização fica por conta da FIFA.

História do Futsal em 1996 - Sexta edição do Mundial de Seleções, o Brasil conquista o Pentacampeonato Mundial diante da Espanha, donos da casa.

História do Futsal em 2000 - Sétima edição do Mundial de Seleções, na Guatemala, o Brasil é surpreendido pela Espanha na Final.

História do Futsal em 2002 - É realizado o primeiro Brasileiro de Seleções Feminino em São Paulo, a Seleção Paulista é a campeã de forma invicta.

História do Futsal em 2003 - Por intermédio de Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, o Futsal é incluído nos jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro. A Federação Paulista de Futsal lança um projeto em prol do Futsal: "Eu Quero Futsal Olímpico".

História do Futsal em 2004 - A FIFA promove, na China, o seu 5º Campeonato Mundial. A Espanha é bicampeã. O Brasil, pela primeira vez, fica de fora de uma final de Copa do Mundo. Boa parte dos jogadores brasileiros que se destacam ou com acesso à dupla cidadania é contratada por equipes de todo o mundo.

História do Futsal em 2007 – Campeão dos Jogos Pan-Americanos realizado no Brasil.

História do Futsal em 2008 – Campeão da Copa do mundo de Futsal realizada no Brasil.

2.4 Fundamentos Básicos do Futsal

2.4.1 O passe

É o ato de trocar a posse de bola, base de toda a estrutura tática e técnica da equipe, são vários os tipos de passe:

- Passe com o peito do pé;
- passe com a face externa do pé;
- passe com a face interna do pé;
- passe com o calcanhar;
- passe com a planta do pé
- passe com a cabeça;
- passe com a coxa;
- passe com o peito.

O passe só acontece quando há duas pessoas. Passa-se, quando alguém envia a bola para outro. Em geral passa-se a bola com os pés, mas também pode ser executado um passe com a cabeça, com o peito, a coxa, o ombro.

O passe é classificado quanto à distância, quanto à trajetória (altura), quanto à execução (parte do corpo), quanto ao espaço de jogo (quadra) e quanto à habilidade:

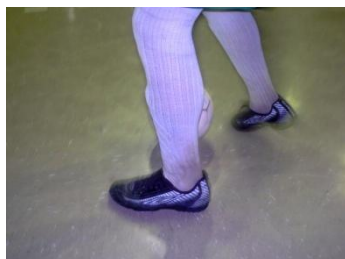
-Distância: Curto - até 4 metros; Médio - 4 a 10 metros; Longo - acima de 10m.

-Trajetória: Rasteiro, meia altura, parabólico.

-Execução: Interna, externa, anterior (bico), solado, dorso.

-Espaço de Jogo: Lateral, diagonal, paralelo.

-Habilidade: Coxa, peito, cabeça, calcanhar, ombro, parabólico ou cavado.



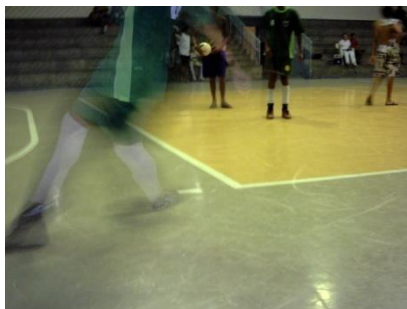
o cabeceio pode ser ofensivo e defensivo. Quem cabeceia o faz para marcar um gol, para defender a sua equipe ou para passar a bola para um companheiro de equipe. A exemplo do chute e do passe, o cabeceio pode ter diferentes trajetórias, isto é, pode ser em linha reta, para o alto ou em direção ao chão. O local onde se toca na bola determinará as diferentes trajetórias. (FUTSAL BRASIL)

2.4.2 Drible

Pode ser chamado também de finta, objetivando sair da marcação do oponente ou adversário, podendo ser executado com ou sem a posse de bola

- com a posse de bola. Quem dribla, procura, passar por um adversário. Entretanto, uma coisa é certa: o que dificulta a habilidade de marcar é a perda do equilíbrio. Logo, o drible eficaz é aquele que provoca no outro o desequilíbrio.

- sem bola. Ainda que quem finta esteja sem bola, o faz com o objetivo de obtê-la. O professor que ensina a fintar tem o objetivo de levar a criança a enganar o seu adversário para receber a bola. Outros nomes, dependendo da região do país, são sinônimos de finta: desmarcação, balanço, gato, vai e vem, pique falso.



Fonte do pesquisador – 2010

2.4.3 Chute

É o ato de lançar a bola em direção ao gol, com força ou precisão, tirando as chances de defesa do goleiro, o chute pode ser executado com várias partes do pé:

- De bico de pé;
- peito de pé;
- calcanhar;
- face externa do pé;
- face interna do pé.



Fonte do pesquisador – 2010

Quanto a execução o chute pode ser:

- simples ou reto;
- por cobertura;
- de voleio;
- de bate pronto e;
- rasteiro.

O chute surge quando do contato da criança com a bola em direção à meta adversária ou para afastar o perigo de um ataque adversário. O primeiro seria o chute com o objetivo ofensivo. O segundo, com o objetivo defensivo. Logo, chute sempre é a mesma coisa, o que muda é o objetivo. Quais seriam as possíveis trajetórias de chute? Rasteira, meia-altura e alta. Quais seriam os tipos, as maneiras de chutar? Com o dorso ou de peito de pé, de bate-pronto ou semi-voleio, de voleio ou sem-pulo, de bico e por cobertura. (FUTSAL BRASIL)

2.4.4 A recepção

É o ato de dominar uma bola, controlar*, após recebê-la, quando passada ou lançada, por um companheiro ou oponente, podendo para isso usar várias partes do corpo:

- a cabeça;
- o peito;
- a coxa;
- os pés.

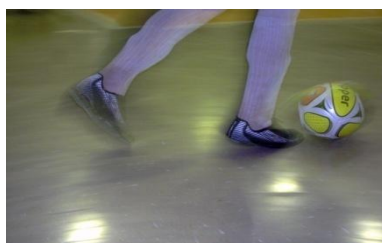


Fonte do pesquisador – 2010

Controlar a bola é diferente de dominá-la. Enquanto esta ação trata-se da recepção da bola, aquela se refere a mantê-la no ar, com toques de uma e de outras tantas partes do corpo, sem deixá-la cair ao chão. É o que as crianças chamam de embaixadinhas. (FUTSAL BRASIL)

2.4.5 A condução

É a ação de progredir com a bola dominada, podendo o atleta usar qualquer direção ou parte do corpo, exceto as mãos, desconsiderando o goleiro dentro da sua própria área de meta.



Fonte do pesquisador – 2010

A condução é quando se leva a bola pela quadra de jogo. Uma regra básica: a bola deve estar próxima do condutor. Essa condução pode ser feita em linha reta, daí o nome de retilínea. Também em ziguezague, e, portanto, sinuosamente. As outras faces para se conduzir são interna e externa. A de frente é ineficaz. (FUTSAL BRASIL)

3.0 MÉTODO DE ENSINO

3.1 A Especialização Motora

O esporte vem ocupando um espaço cada vez maior na vida das pessoas, especialmente das crianças e dos jovens. A influência dos eventos esportivos divulgados com grande frequência pelos meios de comunicação, a identificação com ídolos, a pressão dos pais e dos amigos e a esperança de obter sucesso e status fazem com que um número crescente de crianças inicie sua prática cada vez mais cedo. Treinar, competir, vencer, prêmios, são palavras comuns no cotidiano dos jovens que praticam esporte ou que o vislumbram como grande possibilidade de sucesso (DE ROSE JR, 2002).

Toda prática esportiva oferecida às crianças e aos adolescentes é permeada por ações adultas - dos pais, dos dirigentes, dos professores, dos técnicos, dos árbitros; todos interferem de alguma forma nas experiências esportivas de seus praticantes. Essa influência não diz respeito simplesmente aos comportamentos e às atitudes dos adultos no momento da competição, mas também aos valores e aos princípios que norteiam a forma como o esporte é ensinado e praticado (KORSAKAS, 2002).

A pedagogia do esporte não se resume a métodos de treinamento é mais complexa (princípios, objetivos, estratégias, comunicação, conteúdos, sensibilidade, diálogo com o sistema humano). Valores que permeiam o competir, como participação, alegria, entrega, cooperação, perseverança, auto-estima e o próprio aprendizado técnico e tático, raramente são considerados relevantes [...]. O que se pode discutir, e talvez isso seja relevante, é o tratamento que os professores dão à competição (SANTANA, 2004).

Ainda, em alguns casos, contrapondo-se ao esperado - tratar pedagogicamente o esporte - os especialistas frequentemente utilizam uma pedagogia pautada em referenciais de rendimento - conquistas, quebra de recordes, resultados imediatos. Logo, uma pedagogia preocupada menos com educação e complexidade e mais com a descoberta e revelação de talentos (SANTANA, 2004).

Desvinculada de uma finalidade educacional, a pedagogia dos professores especialistas em esporte na infância deixa a desejar. Penso que os especialistas devem reconhecer a conexão entre esporte na infância, educação e complexidade (SANTANA, 2004). O início da participação da criança no processo competitivo pode variar de acordo com o esporte praticado, chegando-se, em determinados casos, a registrar a participação de crianças de três anos competindo em ginástica e natação (DE ROSE JR, 2002).

Fomentar entre crianças desde cedo à idéia de tornarem-se campeões e craques necessariamente não as tornaram, e quem se responsabilizará pelas conseqüências? Há indícios de que muitas são as crianças que iniciaram precocemente no futsal e, por uma lesão grave, estresse de competição, treinamento, desinteresse, saturação, o abandonaram também precocemente. Será que esse fato, por si só, não coloca em dúvida a metodologia adotada? (SANTANA, 2001).

Se analisarmos os fatores mais importantes dessa realidade absurda, teremos "a mentalidade competitiva, obrigatoriedade por títulos e cobranças dos adultos em relação às crianças, a sustentação no esporte da competição e mais, da vitória como prioridades" (FREIRE, 1993).

A verdade é que, no momento em que naturalmente vai acabando a submissão da criança ao pensamento dos adultos, isso na segunda infância, e ela pode decidir o que quer fazer, ela pára com o esporte. Isso não é absolutamente preocupante? Por si só, não é motivo suficiente para repensarmos o processo de iniciação esportiva da criança? E pensar que esse sujeito, desistindo do esporte na infância, tenderá a não praticá-lo por toda sua vida. Tenderá a não incorporá-lo à sua cultura. Tenderá a não praticá-lo nas suas horas de lazer e entretenimento. No caso de possuir talento, não poderá usufruir do seu ápice esportivo como atleta da modalidade, que acontece mais para frente, dos vinte e quatro aos vinte e sete anos (CINAGAWA, 1993). Nem poderá fazer parte de um grupo privilegiado que pratica o Esporte-Espectáculo e até vir a fazer dessa atividade sua profissão (SANTANA, 2001).

Em última análise, os inconvenientes causados pela especialização esportiva precoce e a excessiva competitividade (lesões, estresse, saturação...) afastam a criança da prática esportiva. E o que menos se deseja é esse afastamento.

É triste deparar com crianças intranquias, atingidas por conflitos e / ou lesões e, por isso, desistindo ou sendo impedidas de fazer esporte. Já é tempo de nos perguntarmos: [...] O sistema permite (ou ignora) as consequências de uma prática inadequada? Procede ao Professor (a) ou Técnico (a), pais, ou quem quer que seja, reduzir a criança a um mero objeto produtor de resultados, a um potencial, promessa esportiva e depositar na mesma suas aspirações, seus desejos e vontades? (SANTANA, 2001)

Será que esse esporte é realmente capaz de contribuir para a educação dos indivíduos? Como pode uma prática com fins educativos pautar-se na seleção e na especialização de poucos, ser excludente por essência, dando-se o direito de escolher aqueles que terão acesso aos seus benefícios (KORSAKAS, 2002).

Alguns princípios e procedimentos (pedagogia) devem ser construídos para se ensinar futsal na infância que se contraponham a outros, voltados apenas para a especialização, a seleção, a revelação de talentos e a conquista de títulos. Esse novo modo de ensinar esporte deve facilitar às crianças construir autonomia [...], nesta perspectiva o esporte é um facilitador para se atingir os fins anteriormente descritos (SANTANA, 2004).

3.2 Especialização Precoce: Os Danos Causados à Criança

Entendemos por treinamento intensivo precoce (especialização esportiva) o período onde se adotam programas e métodos de treinamento especializados (SANTANA, 2001). É quando a criança faz, sistematicamente, um único tipo de esporte e encontra aulas que não são diversificadas (SANTANA, 2004). Implica ainda em competições regulares, aprimoramento técnico dos fundamentos, assim como do conhecimento tático e o desenvolvimento das capacidades físicas direcionadas para o rendimento esportivo (SANTANA, 2001). Nesse tipo de treinamento, a criança é pressionada a comportar-se como alguém que não é. É o tipo de situação inútil, que leva os professores a tomarem o tempo dos outros de ser criança (SANTANA, 2004).

Quando temos toda uma orientação voltada para a busca precoce de resultados imediatos vemos cada vez mais distante uma iniciação esportiva adequada. O problema agrava-se quando sabemos que essa busca pela especialização precoce tende a encontrar mais adeptos no meio esportivo. Por quê? Por que a especialização precoce permite resultados a curto prazo. Significa dizer que o Técnico que incluir métodos de treinamentos especializados obterá melhores resultados (a curto prazo) do que o que priorizar uma iniciação esportiva comprometida com a construção do conhecimento relativo às particularidades do esporte, com a promoção e a incorporação de valores e idéias indispensáveis ao desenvolvimento humano, valorizando a criança enquanto um ser criativo, espontâneo, em formação. Desvincular o processo de iniciação do treinamento precoce e da excessiva competitividade poderá significar não conquistar medalhas. Assim, vemos alimentados e fomentados os desejos dos imediatistas (SANTANA, 2001).

Marques (1991) afirma que

a formação multilateral (e aqui não pode ser entendido apenas do ponto de vista motor) tem reflexos a longo prazo no rendimento [...] não cria condições para êxitos imediatos [...], pelo contrário a especialização precoce permite uma rápida obtenção de resultados.

Para onde nos levará criarmos na iniciação um contexto imediatista? Entendendo como contexto imediatista, objetivamente, quando o Técnico ou Professor tem à sua disposição um grupo de crianças entre 05 e 12 anos, e estabelece como objetivos: promover uma equipe titular, estruturá-la técnica e taticamente, vencer os adversários, disputar as finais, conquistar títulos. Todas as suas iniciativas e dos pais e dirigentes são nessa direção (SANTANA, 2001).

Há um consenso razoável na área esportiva de que a especialização precoce submete a criança a riscos consideráveis. Por conseqüência, se o professor adotar uma pedagogia que eleja princípios e procedimentos de ensino que tornem o processo de treinamento demasiadamente exigente e especializado, pode acontecer de as crianças, ao longo de temporadas, afastarem-se do esporte. Esse fato, por si só, já não bastaria para se refutar a especialização esportiva precoce? (SANTANA, 2004)

O esporte, como um legado deixado para a humanidade através dos tempos, envolve outras variáveis como competitividade, vitória, derrota, glória, etc. que se não visto com um olhar crítico e amplo dentro de uma prática educativa, pode ser muito prejudicial ao desenvolvimento de crianças e jovens. Como por exemplo, o uso excessivo de competições toma um caráter seletivo e restrito ao invés de se tornar um meio de motivação estimulante de si mesmo (MACHADO & PESOTO, 2001).

Parece haver muita disparidade entre como a criança faz e pensa e como os regulamentos e os adultos a obrigam a agir. Parece haver muita cobrança, formalidade, preciosismo, discriminação (SANTANA, 2001). Muitas dessas competições seguem moldes e normas determinadas para a competição adulta, espelhando-se em modelos pouco recomendados para as diferentes faixas etárias e outras variáveis importantes como o sexo, o estágio de desenvolvimento e o nível de habilidade dos praticantes, entre outras (DE ROSE JR, 2002).

Freire (1989) refere-se àqueles que criam os mecanismos de competição entre as crianças na escola como

[...] formadoras de campeões, selecionadoras de raça, disseminadoras de sentimentos preconceituosos, reprodutoras da forma mais abominável de competição que orienta as relações entre as pessoas de nossa sociedade, e que encontra sua expressão ritual mais importante nos jogos olímpicos modernos. Vencer a qualquer custo é o lema que orienta a competição, nas relações sociais e nos jogos desportivo.

O mesmo podemos dizer, daqueles que organizam as competições, entre crianças, fora da escola! O que deve ficar bem claro é que esse tipo de comportamento, esse modelo, precisa ser, efetivamente, abandonado, pois é incompatível à criança. A criança está iniciando (SANTANA, 2001).

A verdadeira natureza da competição é que ela cria mais perdedores do que vencedores. Nesse ponto a competição passa a ser tanto desencorajadora quanto ameaçadora àqueles que não possuem capacidades e habilidades suficientes para desempenhar adequadamente e obter o desejado sucesso (DE ROSE JR, 2002).

Para Singer (1977) existem períodos maturacionais ideais para determinadas experiências onde o indivíduo estará mais preparado, permitindo, desta forma, com que as vivências tragam maiores e melhores benefícios.

Surge, portanto, a noção de "prontidão esportiva", desenvolvida por Robert Malina (1988), que *"é o equilíbrio entre o nível de crescimento, de desenvolvimento e de maturação e o nível da demanda competitiva. Quando a demanda for maior que as características individuais, então o indivíduo não estará pronto para competir"*.

É exatamente nesse desequilíbrio que se pode encontrar o grande aspecto negativo da competição infanto-juvenil. Normalmente, quando isso ocorre e a criança e o jovem são submetidos a desafios, surgem problemas de ordem física, como o aparecimento de lesões importantes, que podem até afetar o processo de crescimento e desenvolvimento, e de ordem psicológica, que podem levar à sérias conseqüências comportamentais. A prontidão competitiva inclui componentes físicos, fisiológicos, psicológicos (emocionais e cognitivos) e sociais (DE ROSE JR, 2002).

Levando-se em consideração os estágios de desenvolvimento motor de uma criança e relacionando-os com a prática esportiva competitiva, observa-se que, na maioria das vezes, ela é levada a uma prática esportiva específica muito antes de ter cumprido etapas importantes na solidificação esportiva. Não são raras as vezes em que as crianças e jovens são colocados diante de situações complexas antes de atingir estágios básicos de desenvolvimento motor, exigindo-se comportamentos que não são adequados à sua capacidade de realização (DE ROSE JR, 2002).

Os professores que desejam de seus alunos resultados em curto prazo e que cedem às pressões de pais (que exigem de seus filhos resultados que os deixem orgulhosos) especializaram precocemente. Tal especialização pode ser tática, motora e técnica. Por extensão, o treinamento, que poderia ser algo bom, diversificado, passa a ser ruim. E passa a ser ruim porque, antes do tempo, faz a criança aprender muito sobre uma única coisa. Ruim também porque a criança é pressionada a atender interesses alheios (SANTANA, 2004).

O esporte passa a ser utilizado *"[...] demagogicamente, para atender as nossas ambições de técnico, bem como às ansiedades de pais, submetendo*

crianças a terríveis pressões, fazendo com que poucas se tornem atletas, mas muitas percam a infância" (NISTA-PICCOLO, 1999).

É inaceitável o esporte entrar na vida de uma criança apenas com os referências de competição e rendimento, fazendo-a persegui-los a qualquer preço. Fomentar entre crianças a idéia de que só a vitória é importante, é incoerente. A criança precisa perceber a importância de saber lidar com as diferenças, e quem aprende que só a vitória tem valor, poderá não saber lidar com as nuances, valorizar a busca, o esforço próprio, respeitar o outro, interagir, cooperar, rever pontos de vista (SANTANA, 2001).

Toda competição exige preparação e treinamento e isso pode ocorrer precocemente, causando diversos problemas à criança. Uma série de estudos aponta os efeitos do treinamento precoce no aparelho locomotor e cardiorrespiratório, na coluna vertebral, no crescimento e na maturação sexual (DE ROSE JR, 2002).

A tentativa de antecipar o processo de crescimento e desenvolvimento motor da criança seria uma vantagem? Para João Bosco da Silva, professor e Mestre em Educação Física, em *Aprender a aprender fazendo* (1995) essa tentativa trará “[...] *graves conseqüências de ordem neurofisiológicas, anatômica, psicológica e pedagógica*, pois ao ignorar as fases e estágios especificados pela ciência 'a formação física específica' e o 'rendimento técnico' (treinamento precoce) constituem prioridades absolutas, deixando de respeitar a natureza da criança [...]”.

“A motivação competitiva faz com que a criança supere o mecanismo de auto-regulação, através da liberação intensa de adrenalina, o que pode ser extremamente prejudicial’ (FIORESE, 1989). A fim de atender às exigências externas ela vai além. Por conta disso, acaba sendo prejudicada fisiologicamente” (SANTANA, 2004).

Para o bem da criança e do próprio esporte é melhor pararmos de investir nas crianças nossas aspirações pessoais, nossos interesses, nossos desejos. Porque (e quem é Técnico [a], pai ou diretor [a] sebe disso) muitas crianças param de praticá-lo no melhor momento, na hora em que estão amadurecendo quantitativa e qualitativamente. Porque, quem foi criança e parou de jogar (ou jogou) por sentir-se pressionada, rotulada, insegura, lesionada, não esquece a

terrível experiência. E, pior do que isso, passam anos no esporte e o abandonam. Saem do mesmo desgastadas emocionalmente, fragmentadas, inseguras, lesionadas, levando, vida afora, as possíveis conseqüências. Algumas param, pois se sentem desgastadas, desmotivadas em conquistar mais aquele título, aquele campeonato (pois em alguns anos de prática intensiva já conquistaram títulos municipais, estaduais, prêmios individuais) e preferem freqüentar outros ares. “É a tal da saturação esportiva. O garoto não quer mais continuar a prática esportiva porque começou muito cedo, foi várias vezes campeão, está saturado” (PINI & CARAZZATTO, 1978).

Outros estão parando porque têm certa dorzinha no joelho, no tornozelo, na coxa, e os médicos ortopedistas pedem para parar (com toda razão), tratar urgentemente e ainda colocam a culpa no Futsal, por ser um esporte jogado em piso muito duro, que não permite deslizamento específico, exigindo movimentos velozes que podem ocasionar o arrancamento de tendões junto à inserção óssea e até mesmo fraturas, devido à criança não apresentar maturação óssea equivalente (NEGRÃO, 1980), e, ainda, se for uma atividade extenuante e realizada por longo período de tempo, lesões epifisárias que atrapalham sobremaneira no crescimento, podendo sofrer modificações irreversíveis [GUEDES & GUEDES (1995), PINI & CARAZZATTO (1978), FIORESE (1989)].

“Não podemos ignorar ser lamentável ver uma criança ser lesionada aos poucos, por excesso de treino, ou ser insistentemente julgadas por suas atitudes dentro do esporte. No futuro, quem se responsabilizará pelas conseqüências?” (SANTANA, 2001)

Tem aqueles garotos que se sentem completamente abalados emocionalmente, com medo de errar, inseguros e que querem parar. Sabe o que é isso? Estresse de competição (OLIVEIRA, 1993). Devido a todo esse tempo expostos aos conflitos emocionais causados pelas competições (crítica dos pais e dos [as] técnicos [as], derrotas, punições, elogios, comparações). “É [...] a coisa vai ficando séria, e nas categorias acima, dos 13 aos 19 anos, há indícios de ser bem menor o número de jogadores atuando” (SANTANA, 2001). “Esses procedimentos acabam resultando em problemas de diferentes dimensões: físicas, técnicas, táticas, psicológicas e filosóficas” (PAES, 2002).

Quem compete é submetido a exigências de vários tipos, inclusive a social, pois a participação expõe o indivíduo ao julgamento de outros, podendo obter status dentro do seu grupo social. Esse é um dos motivos que pode tornar a competição um evento potencialmente estressante em função das demandas da situação e é enfatizado quando a competição se torna mais formalizada (DE ROSE JR, 2002).

Analisemos a afirmativa de Bento (1989) acerca das estruturas que orientam a iniciação esportiva: *"As estruturas, há longo tempo criadas para o desporto de rendimento (e geradoras de conflito), implicam uma prática de desporto pelas crianças, que não se justifica por mais tempo. Orientado pela finalidade de produzir rendimento desportivo, o sistema de desporto conduz a que o desportista perca a sua posição de sujeito da atividade, se transforme em objeto, num produto visível, mensurável e valorável, que o seu corpo se transforme em instrumento de apresentação do rendimento do sistema"*.

A maior incidência de especialização precoce está centrada nos clubes, onde o chamado senso comum, influenciado por vários setores da sociedade, sobretudo pela mídia, entende equivocadamente que esse procedimento pedagógico é eficiente na identificação do talento esportivo (PAES, 2002).

Ao observarmos o esporte praticado por crianças e jovens nos clubes, nas chamadas categorias de base, identificamos rapidamente algumas características do esporte de rendimento reproduzidas nesse contexto: técnicos maltratando seus "atletas" por erros cometidos, pais xingando árbitros, frases agressivas entoadas pela torcida. Aprofundando um pouco o nosso olhar para além do momento da competição, encontramos crianças submetidas a "peneiras" para a seleção da equipe e a seções de treinamento exaustivas, muitas vezes incompatíveis com a continuação dos estudos (KORSAKAS, 2002).

Muito cedo crianças se lançam em busca da atividade física com a idéia errônea de se tornarem campeões, idéia esta estimulada pelos companheiros, pais, professores e treinadores (Chaves, 1985).

Grande parte dos pais, ainda que bem intencionada, coloca os filhos no esporte e fomenta o sonho de que sejam os atletas que eles nunca foram ou coisa parecida. Alguns acham que o filho tem mesmo um dom, crêem que isso os diferencia dos outros e esperam que os leve ao esporte profissional (SANTANA, 2004).

“Penso que investir em uma pedagogia que entenda o esporte de maneira simplista, resumindo-o, entre outras coisas, apenas ao ensino de suas particularidades técnicas e táticas, à busca de resultados e de revelação de talentos, a crença de que a criança talentosa é diferente e chegará ao esporte profissional, de que o esporte é trabalho, não é um caminho promissor e, portanto, deve ser superado” (SANTANA, 2004).

Alguns dirigentes de clubes concebem o esporte de criança como um trabalho e a infância como um tempo de investimento. Por isso, alguns cobram dos professores a conquista de títulos e avaliam a qualidade do técnico apenas pelos resultados dos jogos (SANTANA, 2004).

Segundo Gadotti (1997) “a educação não pode ser orientada pelo paradigma que simplesmente dá ênfase apenas a eficiência”. Ele diz que a educação é muito mais do que a instrução, do que treinamento ou a simples repetição.

Capitanio (2003) afirma:

que a educação é um processo em longo prazo e precisa combater o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a transformação de uma sociedade. Ela se prolonga pela vida de toda pessoa, deixando marcas boas ou ruins, somáticas ou psicológicas. As somáticas são visíveis, porém as psicológicas não.

Mas, ao que parece, este paradigma vem de encontro ao conceito atual de esporte, divulgado pela mídia e pela sociedade capitalista: o esporte como uma mercadoria de consumo (CAPITANIO, 2003). Ghiraldelli (1993), diz que esta abordagem esportiva atual acaba encobrendo uma estrutura social injusta e excludente, pois ele, o esporte aparece como sendo a salvação para a marginalidade e a pobreza, praticando-o, a criança, adolescente ou o adulto, estaria a caminho da ascensão social.

Alguns técnicos e professores, preocupados apenas com o resultado, exacerbam-se. O fato é que passam a agir inadequadamente (gritos, sansões, coerção) e a conduzir as crianças de modo que se atendam apenas os seus interesses e os de outras pessoas (SANTANA, 2004).

Em muitos casos, o que se pratica hoje na iniciação no Futsal é simplesmente treinamento precoce. É uma cópia do treinamento do jovem e do adulto. [...] Como explicar o clima de "guerra" das competições infantis? Como explicar uma criança passar anos no Futsal sem jogar? Como explicar uma criança entrar e sair de uma aula ou treino de Futsal sem dizer uma só palavra, sem comunicar-se com o outro, sem explorar, como disse João Batista Freire, em Educação de Corpo Inteiro (1989) “[...] o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transita medo, sofrimento, interesse, alegria”.

O esporte de criança precisa de um clima menos suscetível de confronto, menos rivalizável, que gere menos expectativa quanto mais nova for a criança - ainda que acredite que a competição nessa faixa etária não é um mal em si, mas o é o tratamento que se dá a essa (SANTANA, 2004).

O que está equivocada é a competição que elaboramos para a criança. Errados somos nós que fazemos da competição um fim em si mesmo: a busca dramática pela vitória, transformando a disputa entre crianças num verdadeiro "campo de batalha". Nós que criamos a "seriedade", a "obrigatoriedade pela vitória", a formalidade, os regulamentos, retiramos o lúdico, a brincadeira, o faz de conta. Nós é que queremos transformar a criança precocemente num campeão, atleta, artilheiro. Nós é que queremos que o nosso filho seja titular, vencedor, responsável (SANTANA, 2001).

Se deslocarmos o foco para a prática do esporte na escola, a visão não será muito diferente, apesar de ser um ambiente teoricamente comprometido com o esporte-educação que, segundo o decreto nº. 2.574, de 29 de abril de 1998,

“é aquele praticado nos sistemas de ensino e em outras formas assistêmicas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer”.

Além disso, não são raras as vezes que a grande preocupação em ter equipes competitivas nas escolas sobrepõe-se à intenção de ensinar o esporte para seus alunos, portanto, qualquer proposta pedagógica é facilmente substituída por um determinado número de bolsas de estudo oferecidas a alguns alunos (KORSAKAS, 2002).

Todos esses aspectos do processo competitivo, quando relacionado ao esporte praticado por criança [...] podem trazer problemas que devem ser contornados adequadamente para que não se torne inibidores da participação dos jovens no referido processo, causando-lhes estresse excessivo e prejudicando seu desenvolvimento como participante e como cidadãos comuns (DE ROSE JR, 2002).

4.0 METODOLOGIA

4.1 Características da Pesquisa

O estudo foi descritivo comparativo, transversal uma vez que feito um levantamento de variáveis para se estabelecer um perfil, o que segundo (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007), caracteriza um estudo descritivo, e se determinará a relação de uma ou mais variáveis de um mesmo sujeito como abordagem qualiquantitativa. Esta pesquisa foi desenvolvida na cidade de Campina Grande – Paraíba, relacionado a estrutura e ao trabalho de professores e leigos na iniciação esportiva do futsal.

4.2 População e Amostra

A população e amostra foram constituídas por professores de educação física, técnicos (leigos), que trabalham com a iniciação esportiva do futsal e alunos, entre 07 e 16 anos de idade, componentes das escolinhas de futsal na cidade de Campina Grande.

A pesquisa foi realizada de forma estruturada com auxílio de um questionário para registro das respostas, sendo que os sujeitos da pesquisa responderam as questões em anexo.

4.3 Procedimentos e Coleta de Dados

A pesquisa foi realizada de acordo com as seguintes etapas:

1º - Foi realizado um contato com os entrevistados para explicar os objetivos do estudo e a forma da coleta de dados.

2º - Após este contato foi realizada a aplicação de questionário com os sujeitos da amostra separadamente.

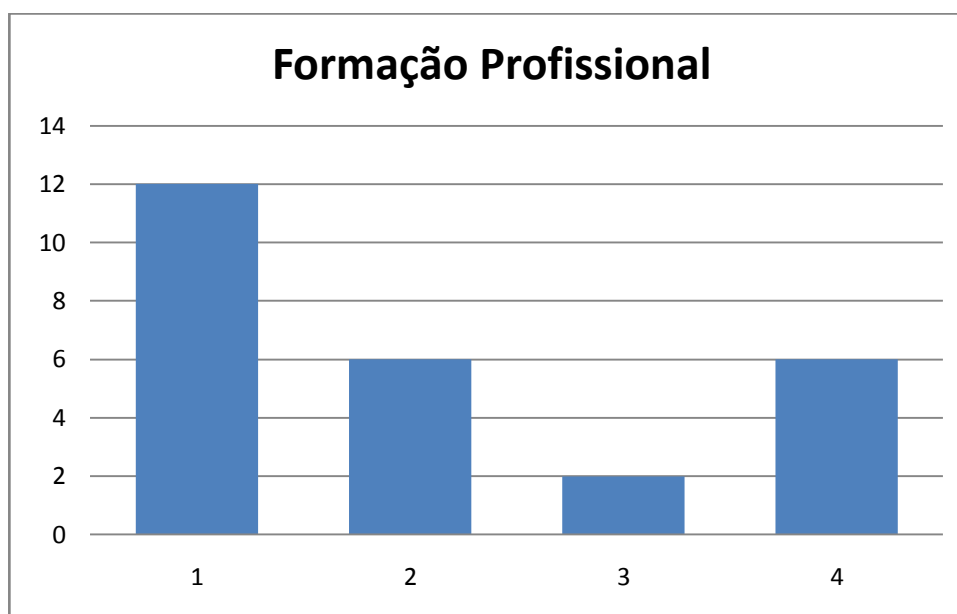
5.0 RESULTADOS

5.1 Formação Profissional

TABELA 01 – Análise percentual dos resultados obtidos com relação à formação profissional dos sujeitos da amostra.

Formação	Número de Pessoas	Percentual
1. Graduação	12	46 %
2. Graduandos	06	23%
3. Especialização	02	08%
4. Leigos	06	23%
Total	26	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa - 2010



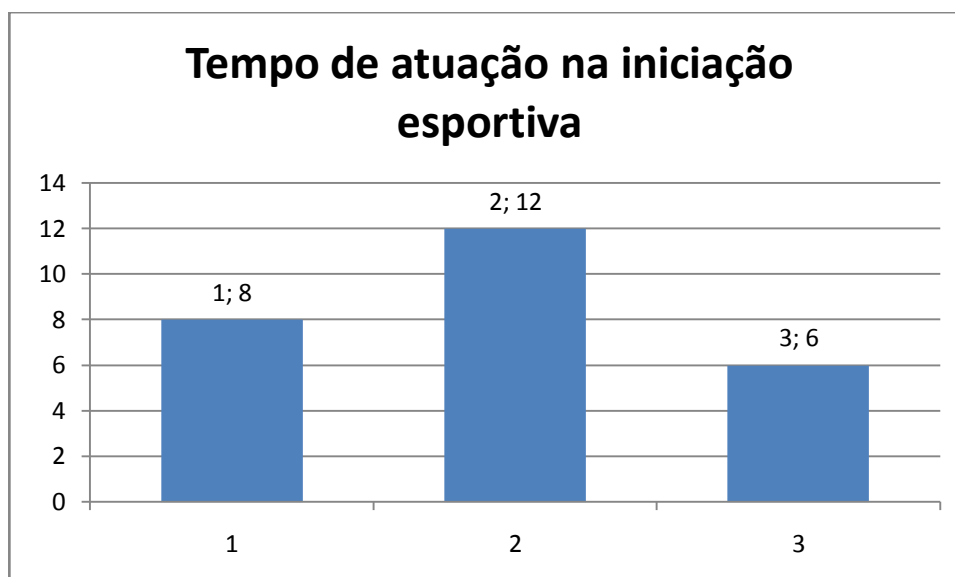
Na **tabela 01**, observa-se os resultados obtidos com relação a formação profissional dos sujeitos que integram a amostra. Constatou-se que 46% (n=12) dos sujeitos que responderam o questionário possuem a formação a nível de graduação, outros 23% (n=6) estão cursando a universidade, outros 23% (n=06) atuam como leigos e 08% (n=02) tem curso de pós graduação. Os resultados obtidos demonstram a escassez no oferecimento de cursos de especialização na cidade de Campina Grande, bem como identifica a participação de pessoas leigas, atuando na área profissional da educação física

5.2 Tempo de Atuação na Iniciação Esportiva nas Escolinhas de Futsal

TABELA 02 – Análise percentual do tempo de atuação dos sujeitos da amostra, com relação a iniciação esportiva nas escolinhas de futsal.

Tempo	Número de Pessoas	Percentual
1. 01 a 04 anos	08	31%
2. 05 a 08 anos	12	46%
3. 09 a 15 anos	06	23%
Total	26	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa - 2010



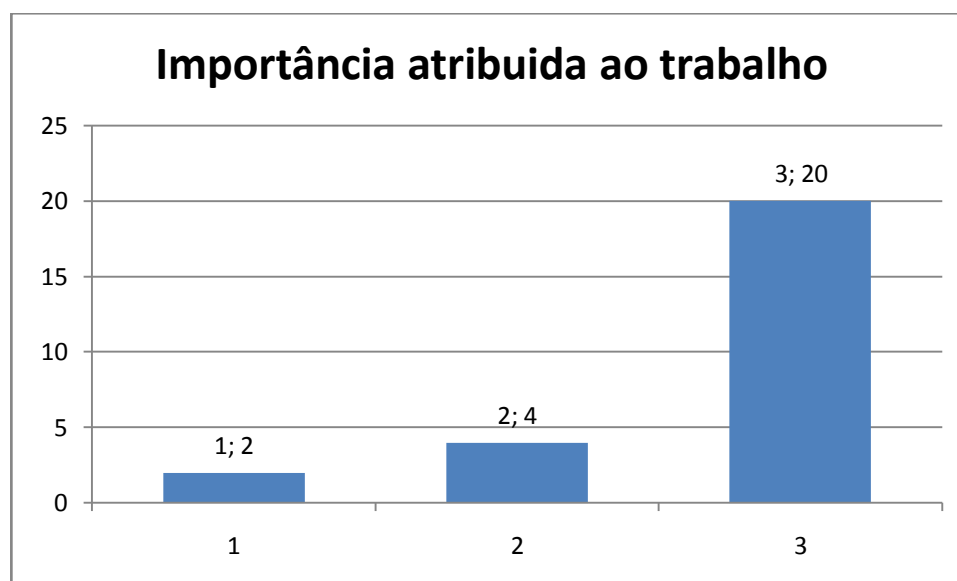
Na **tabela 02**, observam-se os resultados obtidos com relação ao tempo de atuação dos sujeitos que integram a amostra, referente a iniciação esportiva nas escolinhas de futsal. Constatou-se que 31% (n=08) dos sujeitos que responderam o questionário atuam a pelo menos 04 anos, outros 46% (n=12) de 05 a 08 anos e 23% (n=06) a mais de 09 anos exercem a função. Os resultados obtidos demonstram que o tempo de trabalho é relativamente duradouro com as escolinhas de futsal em Campina Grande, bem como aponto para o surgimento de novos profissionais da educação física para dar continuidade a esse trabalho.

5.3 Importância atribuída ao trabalho de iniciação esportiva nas escolinhas de futsal

TABELA 03 – Análise percentual dos resultados obtidos com relação a importância ao trabalho de iniciação esportiva nas escolinhas de futsal.

Importância	Número de Pessoas	Percentual
1. Possibilitar o trabalho de base para o desporto	02	08%
2. Possibilitar o desenvolvimento global da criança	04	15%
3. Ambas as respostas	20	77%
Total	26	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa - 2010



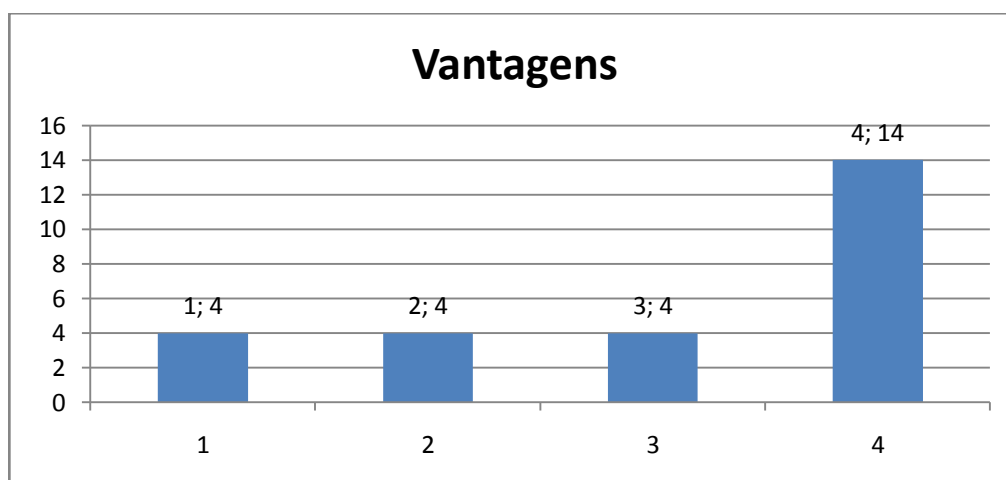
Na **tabela 03**, observa-se os resultados obtidos com relação a importância atribuída ao trabalho de iniciação esportiva nas escolinhas de futsal que integram a amostra. Constatou-se que 8% (n=02) dos sujeitos que responderam o questionário atribuem importância a possibilidade de desenvolvimento global da criança, outros 15% (n=04) acreditam na possibilidade de trabalho de base para o desporto e 77% (n=20) definiram que ambas as possibilidades são aqui de grande relevância.

5.4 Vantagens na aplicação de um trabalho de iniciação esportiva no futsal.

TABELA 04 – Análise percentual das vantagens na aplicação de um trabalho de iniciação esportiva no futsal.

Vantagens	Número de Pessoas	Percentual
1. Possibilitar a formação global do indivíduo	04	16%
2. Fixação e consolidação dos fundamentos do futsal	04	15%
3. Desenvolvimento das habilidades motoras	04	15%
4. Todas as respostas	14	54%
Total	26	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa - 2010



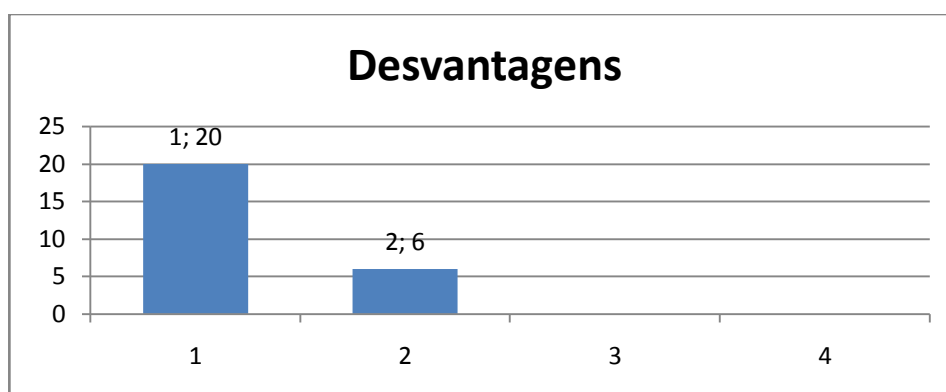
Na **tabela 04**, observamos nos resultados obtidos que 16% (n=04) apontam a possibilidade de formação global do indivíduo, outros 15% (n=04) consideram vantagem na Fixação e consolidação dos fundamentos do futsal, outros 15% (n=04) vem vantagem não desenvolvimento das habilidades motoras, e ao mesmo tempo outros 54% (n=14) optaram por todas as respostas.

5.5 Desvantagens na aplicação de um trabalho de iniciação esportiva no futsal.

TABELA 05 – Análise percentual das desvantagens na aplicação de um trabalho de iniciação esportiva no futsal.

Desvantagens	Número de Pessoas	Percentual
1. Não existe nenhuma desvantagem	20	77%
2. O não respeito as etapas de desenvolvimento da criança	06	23%
Total	26	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa - 2010



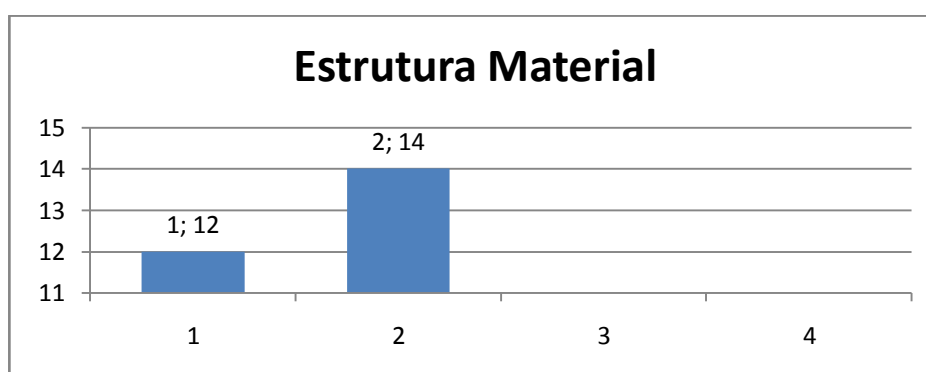
Na **tabela 05**, constatou-se que 77% (n=20) não identificam nenhuma desvantagem, enquanto que 23% (n=06) observaram o não respeito às etapas do desenvolvimento da criança.

5.6 Com relação à estrutura material das escolinhas de futsal.

TABELA 06 – Análise percentual material das escolinhas de futsal.

Estrutura	Número de Pessoas	Percentual
1. Há material adequado e suficiente	12	46%
2. Há precariedade de materiais e equipamentos para a prática do futsal	14	54%
Total	26	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa - 2010



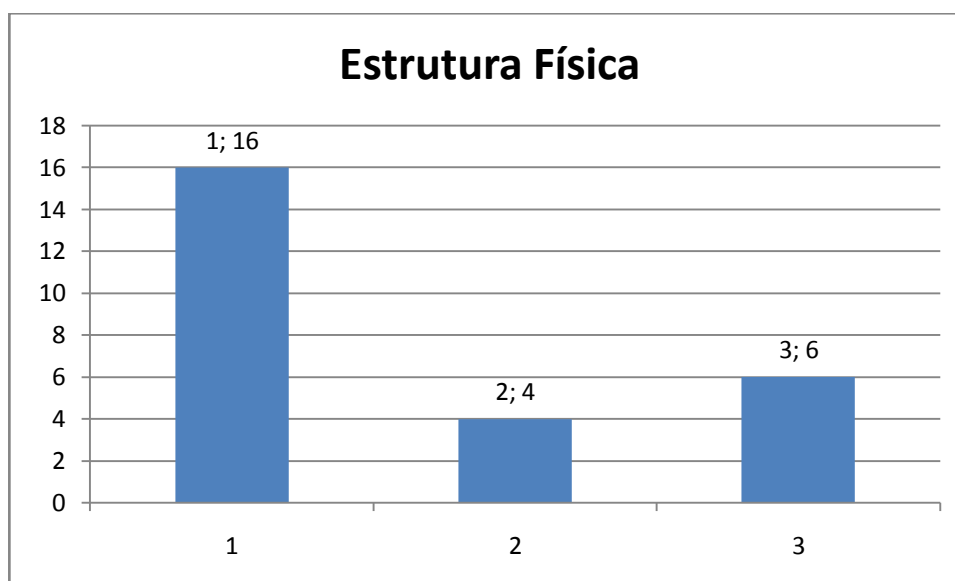
Na tabela 06, constatou-se que 46% (n=12) dispõem de uma estrutura mínima para a realização dos trabalhos, enquanto que outros 54% (n=14) não tem o mesmo privilégio, e precisam criar, improvisar para aplicar determinadas atividades nas aulas de iniciação esportiva.

5.7 Com relação à estrutura física das escolinhas de futsal.

TABELA 07 – Análise percentual da estrutura física das escolinhas de futsal.

Estrutura	Número de Pessoas	Percentual
1. O espaço físico adequado proporciona uma melhor qualidade à atividade	16	62%
2. Espaços físicos abertos dificultam o trabalho por causa de chuva, sol, segurança.	04	15%
3. Não vêem diferença	06	23%
Total	26	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa - 2010



Na tabela 07, constatou-se que 62% (n=16) dispõem de uma estrutura mínima para a realização dos trabalhos, enquanto que outros 15% (n=04) convivem com essa dificuldade, para manter as escolinhas, utilizando espaços abertos, quadras públicas, enquanto que outros 23% (n=06) utilizam espaços físicos apropriados, tais como ginásios cobertos, em clubes e escolas e não vêem diferença nesse aspecto.

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui que o presente estudo (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso, nos mostra que o futsal desenvolvido nas escolinhas na cidade de Campina Grande, está estruturado no que se refere ao profissional, que vem contribuindo na formação individual, em todas as fases estudadas, buscando especialmente a integração dos jovens com a sociedade.

O referido estudo nos mostra que todas as análises obtidas são favoráveis a pratica do futsal nas escolinhas de Campina Grande, ressaltando a necessidade de empenho do poder público, ou seja, de políticas públicas para a área, quanto a manutenção dos espaços físicos.

Algumas das escolinhas apresentaram dificuldades com relação ao material esportivo, mas atendem a população de forma satisfatória, com o apoio de entidades, patrocinadores e outros recursos.

Considerando as análises das situações descritas conclui-se que grande parte dos sujeitos questionados possuem a formação universitária, ou estão cursando, tendo em média 5 a 8 anos de atuação. Estes atribuíram importância a este trabalho, visto que o futsal oferece a oportunidade de desenvolvimento integral da criança.

Dessa forma o objeto desse estudo que foi de verificar a estrutura das escolinhas de futsal de Campina Grande, quanto aos aspectos físicos, matérias e profissional, a participação das entidades publica e particulares envolvidos nessa questão e tomar parte nas políticas publicas voltadas para este esporte. Muito pode ser feito a fim de melhorar tais condições, pois muitas crianças e adolescente de ambos os sexos tem buscado iniciar-se no futsal.

Sinto-me aqui mais que satisfeito, sabendo que este esporte fez e faz parte da minha vida desde a minha infância e das oportunidades que tive de aprimorar meus conhecimentos, competir, e passar um pouco da minha experiência como atleta, que me fizeram escolher esse tema e partindo de outros colegas que se posicionaram sempre em busca de recursos didáticos para o ensino aprendizagem do futsal.

7.0 REFERÊNCIAS

- CAPITANIO, A. M. **Educação através da prática esportiva: missão impossível?** Buenos Aires: *Revista Digital*, ano 8, n. 58, mar/03.
- CHAVES, Ricardo S. **O treinamento, a especialização e a competição para a criança.** Rio de Janeiro: Sprint, 1985.
- CINAGAWA, Áureo. **A criança no esporte.** Informativo CEPREFRE - Saúde, Londrina, 4, setembro, 1993.
- DE ROSE JR, D. **A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais.** In: DE ROSE JR, Dante (organizador). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FIORESE, L.. **Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes.** *Revista da Fundação de Esporte e Turismo.* Curitiba, v. 1, n. 2, 1989.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 1989.
- FUTSAL BRASIL. <http://www.futsalbrasil.com.br/>
- GADOTTI, M. Lições de Freire. *Faculdade de Educação*, v. 23, n. 1-2, jan/dez, São Paulo, 1997.
- GHIRALDELLI, P. **Notas para uma teoria dos conteúdos em Educação Física.** São Paulo: Mimeo, 1993.
- GUEDES, D. P. & GUEDES, J. E. R. P. **Influência da prática da atividade física em crianças e adolescentes: uma abordagem morfológica e funcional.** *Revista da APEF*, Londrina, v. 10, 1995.
- KLEBS, R. **Jornada da Estimulação a Especialização: Primeiro Espaço de uma especialização motora.** Kinesis, Santa Maria, Nº 09, julho. 1992.
- KORSAKAS, P. **Esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa.** In: DE ROSE JR, Dante (organizador). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MACHADO, A. A. & PESOTO, D. **Iniciação esportiva: seu redimensionamento psicológico.** In: BURITI, Marcelo A. (organizador). **Psicologia do esporte.** Campinas: Alínea, 2001.
- MALINA, R. **Competitive youth sports and biological maturation.** In: BROWN, E. V. & BANTA, C. F. Ed. **Competitive sport for children and youth: an overview of research and issues.** Champaign (Ill): Human Kinetics, 1988.

- MARQUES, A. **A especialização precoce na preparação desportiva.** Lisboa: *Revista Treino Desportivo*, v. 2, n. 19, 1991.
- MUTTI, D. *Da Iniciação ao Alto Nível.* 2.ed. São Paulo: Phorte Editora, Cap.5, p.276-303, 2003.
- NEGRÃO, Carlos E. **Os mini-campeões.** Cad. Pesq. São Paulo, 1980.
- NEGRINE, A. **O ensino de educação física.** Ed. Globo, Porto Alegre. Rio de Janeiro. 1989.
- NERICE, J. G. **Metodologia de Ensino: Uma introdução.** 2ª Edição, São Paulo. Atlas, 1987.
- NISTA-PICCOLO, V. L. **Pedagogia dos esportes.** Campinas: Papirus, 1999.
- OLIVEIRA, A. R. **Aspectos psicossociais da criança atleta nos Estados Unidos.** *Revista da APEF*, Londrina, v. 15, 1993.
- PAES, R. R. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos.** In: DE ROSE JR, Dante (organizador). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PINI, M. C. & CARAZZATTO J. G. **Idade de início da atividade esportiva.** In: *Fisiologia esportiva.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.
- PINI, Mario carvalho. **Educação Física e Treinamento,** Ed. Lisa, 1986.
- SANTANA, Wilton C. **Futsal: metodologia da participação.** Londrina:Lido, 2001.
- _____. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização.** Campinas: Autores Associados, 2004.
- SINGER, R. N. **Psicologia dos esportes: mitos e verdades.** São Paulo: Happer & Row do Brasil, 1977.
- TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa.** 6ª Edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009
- TEIXEIRA, H. V. **Aulas de Educação Física.** 2ª Edição. IBRASA, São Paulo, 1984. 11ª Edição.
- THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 5a ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 396.
- TUBINO, M. J. G. **Metodologia Científica do treinamento Desportivo.** IBRASA. São Paulo, 1984. 11ª Edição.

Apêndices

Apêndice A – Termo de Compromisso do(s) Pesquisador(es)



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - CCBS
Departamento de Educação Física - DEF
Licenciatura Plena em Educação Física

Comitê de Ética e Pesquisa

Termo de Compromisso de Pesquisador(es)

Por este termo de responsabilidade, nós abaixo assinados, respectivamente, autor e orientador da pesquisa intitulada “A estrutura das Escolinhas de Futsal de Campina Grande”, assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas na resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS e suas complementares, “outorgada pelo decreto nº 93833, de 24 de janeiro de 1987, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito a comunidade científica, ao(s) sujeito(s) da pesquisa e ao Estado, e a resolução/UEPB/CONSEPE/10/2001 de 10/10/2001.

Reafirmamos, outrossim, a responsabilidade de indelegável e intransferível mantendo em arquivo todas as informações inerentes a pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de cinco anos após o termino desta, apresentaremos semestralmente e sempre que solicitado pelo CCEP/UEPB (Conselho Central de Ética em Pesquisa/Universidade Estadual da Paraíba). Ou CONEP (Conselho nacional de Ética em pesquisa) ou, ainda, as curadorias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CCEP/UEPB, qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Campina Grande, _____ de _____ de 2010

Edson Marques Ferreira de Lima

(Orientando)

Divanalmi Ferreira Maia

(Orientador)

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Estadual da Paraíba
 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - CCBS
 Departamento de Educação Física - DEF
 Licenciatura Plena em Educação Física

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Por este termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____ cidadão brasileiro, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa intitulada “A Estrutura das escolinhas de Futsal de Campina Grande”, sob a responsabilidade de Edson Marques Ferreira de Lima. O meu consentimento em participar da pesquisa se deu após ter sido informado(a) pelos pesquisadores de que:

1. A pesquisa se justifica pela necessidade de avaliar de que forma está estruturado o futsal nas escolinhas de Campina Grande – Paraíba;
2. Seu objetivo é estudar o desempenho e a evolução das escolinhas e clubes de futsal que atuam na formação de crianças e jovens na faixa etária de 07 a 16 anos, em Campina Grande – Paraíba.
3. Os dados serão coletados através de um questionário subjetivo, com os sujeitos da pesquisa, numa abordagem qualiquantitativa, relacionada a estrutura e ao trabalho de professores e leigos na iniciação esportiva do futsal.
4. Minha participação é voluntária, tendo eu a liberdade de desistir a qualquer momento sem risco de qualquer penalização.
5. Será garantido o anonimato e guardado o sigilo de dados confidenciais.
6. Caso haja necessidade de contactar o pesquisador durante e/ou após a coleta de dados, poderei fazê-lo pelo telefone (83) 8640-9047. Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador.
7. Não há riscos na pesquisa, sendo os benefícios de cunho educacional

Campina Grande, _____ de _____ de 2010

 Edson Marques F. de Lima Divanalmi Ferreira Maia

(Orientando)

(Orientador)

Pesquisado(a)

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1.	Qual a formação dos Professores de Educação Física que atuam na escolinha?
2.	Há quanto tempo atua com o ensino do Futsal?
3.	Que importância tem as escolinhas de Futsal na iniciação esportiva da criança?
4.	Que público você atende nas escolinhas de futsal?
5.	Na sua opinião, qual é o nível das escolinhas de futsal em Campina Grande?
6.	Na sua opinião, trabalhar nas escolinhas de futsal é vantajoso?
7.	Existem desvantagens na realização desse trabalho, por quê?
8.	Quanto tempo o aluno passa na escolinha de futsal?
9.	É comum receber alunos de outras modalidades para a iniciação esportiva nas escolinhas de futsal?
10.	A sua escolinha costuma participar dos principais eventos esportivos realizados na cidade?
11.	Quais recursos materiais estão disponíveis para as aulas de futsal?
12.	O local de aula é adequado para as aulas de futsal?
13.	Existe pessoal suficiente no apoio e outros serviços dentro da escolinha de futsal?
14.	Quais as suas funções na escolinha de futsal?